



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 5, volume 5, artigo nº 22, Julho/Dezembro 2019
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a22>
Edição Especial

A VISÃO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA ACERCA DA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE: UM DEBATE NECESSÁRIO

Taynara Silva Dino¹

Discente do curso de Medicina UniRedentor

Sara Luiza Ronzani da Cunha²

Discente do curso de Medicina UniRedentor

Bruna Lagemann³

Discente do curso de Medicina UniRedentor

Mariana dos Santos Caetano Júnior⁴

Discente do curso de Medicina UniRedentor

Paulo Cavalcante Apratto Júnior⁵

Docente do curso de Medicina da UniRedentor. Graduação em Medicina pela Escola de Ciências Médicas de Alagoas -ECMAL (1988), Mestrado em saúde da família pela Universidade Estácio de Sá (2007), Doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ (2014). Cursando Pós Doutorado em Ciências do envelhecimento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ (2017).

¹Centro Universitário Redentor, Discente de Medicina, Itaperuna–RJ, dpetaynara@hotmail.com.

²Centro Universitário Redentor, Discente de Medicina, Itaperuna–RJ, sara_ronzani@hotmail.com.

³Centro Universitário Redentor, Discente de Medicina, Itaperuna–RJ, brunalagemann_@hotmail.com.

⁴Centro Universitário Redentor, Discente do curso de Medicina, Itaperuna–RJ, maricaetanoj@gmail.com.

⁵Centro Universitário Redentor, Docente do curso de Medicina, Itaperuna – RJ, prof.pauloapratto@gmail.com.

²

Resumo:

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de Medicina vigentes desde 2014 propõem enfoque na formação crítica dos estudantes de medicina, possibilitando maior autonomia e capacidade de atuar nos diferentes cenários de aprendizagem, incluindo os diversos níveis de atenção à saúde que compreendem o Sistema Único de Saúde (SUS). Este estudo tem como objetivo analisar a aplicabilidade dessas DCNs e os meios de ensino-aprendizagem, na visão dos alunos, das 27 unidades federativas do Brasil. Para tal, um questionário semiestruturado via plataforma Google Forms foi utilizado, em que 231 estudantes responderam a 27 perguntas relacionadas ao contato com a Atenção Primária à Saúde (APS), ensino, crescimento e importância da área e plano de carreira. Os resultados foram condizentes com o objetivo, em que, por exemplo, a maioria dos alunos considerou importante a atuação na APS como fonte de conhecimento e aprimoramento profissional, porém, não desejam seguir carreira nela; não houve nenhum voto discordando da importância da Unidade Básica de Saúde funcionar como cenário de prática, aprovando a alteração do olhar exclusivamente hospitalocêntrico; as visitas domiciliares, para a maioria, somam positivamente para o crescimento do aprendizado, principalmente no âmbito da promoção e prevenção de doenças. Logo, percebe-se que as mudanças no ensino vem construindo um melhor cenário de saúde, uma vez que contribui para o aprendizado acadêmico e traz melhorias aos atendimentos dos usuários. Todavia, vê-se que ainda existem desafios a serem vencidos, dentre estes a abordagem do conhecimento entre os discentes, a relação entre os

profissionais e alunos, além da integralização entre conceitos teóricos e práticos, o que mostra que a solidificação da APS no meio acadêmico e profissional é uma construção a longo prazo, mas viável e necessária.

Palavras-chave: Educação Médica; Atenção Primária à Saúde; Estudantes de Medicina; Estatísticas de Assistência Médica; Diretivas Antecipadas.

Abstract:

The present National Curriculum Guidelines (DCNs) of Medicine effective since 2014 propose a focus on the critical education of medical students, enabling greater autonomy and ability to act in different learning scenarios, including the various levels of health care that comprise the Unified Health System (SUS, initials in portuguese). This study aims to analyze the applicability of these DCNs and the teaching-learning means, in the students' view, of the 27 federal units of Brazil. For this, a semi-structured questionnaire through Google Forms platform was used, in which 231 students answered 27 questions related to contact with Primary Health Care (PHC), teaching, growth and importance of the area and career plan. The results were consistent with the objective, in which, for example, most students considered the performance in PHC as a source of knowledge and professional improvement important, but do not wish to pursue a career. There was no vote disagreeing with the importance of the Basic Health Unit functioning as a scenario of practice, approving the change of exclusively hospital view; home visits, for the most part, add positively to the growth of learning, especially in the area of disease promotion and prevention. Therefore, it is clear that changes in teaching have been building a better health scenario, as it contributes to academic learning and brings improvements to users' care. However, it is clear that there are still challenges to be overcome, among them the approach of knowledge among students, the relationship between professionals and students, as well as the integration between theoretical and practical concepts, which shows that the solidification of PHC in the environment academic and professional is a long-term but viable and necessary construction.

Keywords: Education, Medical; Primary Health Care; Students, Medical; Medical Care Statistics; Advance Directives.

INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de Medicina vigentes foram reformuladas e aprovadas em 2014 pelo Ministério da Educação (MEC) as quais propõem enfoque na formação crítica dos médicos, possibilitando maior autonomia e capacidade de atuar nos diferentes cenários de aprendizagem, incluindo os diversos níveis de atenção à saúde que compreendem o SUS. Um de seus pilares após a reforma é a centralidade do ensino na APS gerenciada pela Medicina de Família e Comunidade.

Desse modo, nas unidades básicas de saúde (UBS) a equipe multiprofissional formada pelos profissionais da saúde recebem os acadêmicos, sendo estes protagonistas de seu aprendizado, presenciando diversos momentos possibilitados por estarem inseridos em uma comunidade, tais como: tensões sociais, diagnósticos conflitantes, propostas terapêuticas,

dentre outras vivências que são influenciadas pelas questões socioeconômicas e culturais loco-regionais (DIAS *et al.*, 2012). Nessa perspectiva, o curso de medicina do Centro Universitário Redentor, fundado em 2015, mediante a nova DCN visa um aprendizado fundamentado na APS de saúde em que o acadêmico seja um agente ativo de seu ensino ao conhecer o território, realizar visitas domiciliares e atendimentos, atividades sociais nas UBS desde o primeiro período da graduação, possibilitando autonomia, fomento ao conhecimento, responsabilidade social e compromisso com a cidadania, além de auxiliar a promoção de saúde para a população, na prevenção de doenças e agravos.

Assim, é notório que a APS é uma especialidade estratégica a qual deveria ser a porta de entrada da Saúde Pública por possuir, com uma resolutividade de até 90% dos problemas de saúde, atendendo crianças, adultos e idosos de forma universal e gratuita, assim assegurado pela Constituição Federal de 1988. Dessa forma, a APS possui um grande nível de satisfação de seus usuários aliado a menores custos para o SUS. Além disso, tem como atribuição reduzir as iniquidades em saúde ao promover educação em saúde para os pacientes, além do combate aos determinantes sociais da saúde (ISSA *et al.*, 2017).

Este artigo tem como objetivo realizar uma pesquisa científica que por meio de um questionário aplicado, aliado a uma discussão fundamentada pela literatura, acerca da visão dos alunos inseridos na atenção básica e assim realizar uma comparação das experiências dos estudantes com a APS entre diversas universidades brasileiras.

METODOLOGIA

Trata-se de uma abordagem qualitativa acerca da percepção dos estudantes de Medicina de todo o país sobre o processo de aprendizagem na Atenção Primária à Saúde (APS), crescimento e importância da área e plano de carreira dentro da APS, a qual foi realizada por intermédio de um questionário semiestruturado via plataforma Google Forms, validado pelos acadêmicos, do enquete sobre Percepção de Aquisição de Saberes da Graduação na área da saúde de autoria de Das Graças & Centurión (2015), das questões objetivas relacionadas à inserção dos acadêmicos e frequências de respostas dos usuários entrevistados na UBS de autoria de Almeida *et al.*, (2012) e do Questionário de Avaliação de Portfólios do Estudante adaptada para a realidade da FCMS/PUC-SP para os cursos de Medicina e de Enfermagem de autoria de Das Neves (2013). O questionário foi difundido através de mídias digitais para estudantes de medicina de todas as 27 unidades federativas do Brasil, aleatoriamente, sem distinção de semestre cursado ou Instituição de Ensino, tendo como resultado 231 respostas ao questionário.

Além da pesquisa de campo, realizada por meio dos instrumentos citados acima, foi adotado, também, referencial bibliográfico a fim de realizar comparações e dar confiabilidade ao estudo. Portanto, a partir das bases de dados BVS, ResearchGate e Scielo, foi utilizado

como filtros “texto completo disponível”, anos de publicação “2012, 2014, 2015 e 2017” além de “língua portuguesa e inglesa” em que foi pesquisado como título/resumo/assunto: “estudantes medicina atenção básica”, “Acadêmicos de medicina e atenção primária”, “ensino da atencao primaria a saude nas escolas de medicina”, “atencao basica a saude e estudantes”; “medicina AND atenção básica AND atenção primária AND médico”, com os filtros “Brasil, português, anos 2014, 2015, 2016, 2017”. Além da plataforma do Google Acadêmico no qual foi pesquisado o tema “estudantes de medicina no serviço de atenção à saúde”. Tendo, assim, como base 37 artigos selecionados datados nos últimos 23 anos, na língua portuguesa e inglesa, os quais possuíam pesquisas originais correlacionados com o processo de aprendizado do futuro profissional médico na Atenção Primária à Saúde e sua importância.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A categorização das respostas é condizente com os objetivos traçados no estudo, elaborados e fundamentados nas questões norteadoras contidas no questionário aplicado a 231 estudantes de medicina das 27 unidades federativas do Brasil, os quais responderam completamente as 27 perguntas do questionário.

Dos 231 acadêmicos participantes 10 são do Acre (AC), correspondendo a 4,3%; 1 do Alagoas (AL), correspondendo a 0,4%; 4 do Amapá (AP), correspondendo a 1,7%; 7 do Amazonas (AM), correspondendo a 3%; 9 da Bahia (BA), correspondendo a 3,9%; 2 do Ceará (CE), correspondendo a 0,9%; 2 do Distrito Federal (DF), correspondendo a 0,9%, 7 do Espírito Santo (ES), correspondendo a 3%; 7 de Goiás (GO), correspondendo a 3%; 2 do Maranhão (MA), correspondendo a 0,9%; 2 do Mato Grosso (MT), correspondendo a 0,9%; 2 do Mato Grosso do Sul (MS), correspondendo a 0,9%; 15 de Minas Gerais (MG), correspondendo a 6,5%; 2 do Pará (PA), correspondendo a 0,9%; 2 da Paraíba (PB), correspondendo a 0,9%; 19 do Paraná (PR), correspondendo a 8,2%; 2 do Pernambuco (PE), correspondendo a 0,9%; 2 do Piauí (PI), correspondendo a 0,9%; 24 de Roraima (RR), correspondendo a 10,4%; 2 de Rondônia (RO), correspondendo a 0,9%; 52 do Rio de Janeiro (RJ), correspondendo a 22,5%; 4 do Rio Grande do Norte (RN), correspondendo a 1,7%; 5 do Rio Grande do Sul (RS), correspondendo a 2,2%; 27 de Santa Catarina (SC), correspondendo a 11,7%; 11 de São Paulo (SP), correspondendo a 4,8%; 5 de Sergipe (SE), correspondendo a 2,2%; e 4 do Tocantins (TO), correspondendo a 1,7% dos estudantes.

Destes, 15 cursam o 1º semestre do curso de medicina, correspondendo a 6,5%; 39 o 2º semestre, correspondendo a 16,9%; 22 o 3º semestre, correspondendo a 9,5%; 22 o 4º semestre, correspondendo a 9,5%; 34 o 5º semestre, correspondendo a 14,7%; 40 o 6º semestre, correspondendo a 17,3%; 14 o 7º semestre, correspondendo a 6,1%; 17 o 8º

semestre, correspondendo a 7,4%; 12 o 9º semestre, correspondendo a 5,2%; 6 o 10º semestre, correspondendo a 2,6%; 4 o 11º semestre, correspondendo a 1,7%; e 6 cursam o 12º semestre, correspondendo a 2,6% dos estudantes.

Em relação às respostas adquiridas mediante a aplicação do questionário a tabela a seguir (tabela 1) demonstra as respostas de acordo com o interesse dos acadêmicos em cada pergunta realizada.

Tabela 01 - Respostas dos 231 estudantes de medicina de 1 a 5 de acordo com o interesse

	Discordo Totalmente	Provavelmente Não	Talvez	Provavelmente Sim	Concordo Totalmente
PERGUNTA 1	1 - 0,4%	8 - 3,5%	10 - 4,3%	46 - 19,9%	166 - 71,9%
PERGUNTA 2	14 - 6,1%	28 - 12,1%	69 - 29,9%	57 - 24,7%	63 - 27,3%
PERGUNTA 3	5 - 2,2%	18 - 7,8%	64 - 27,7%	103 - 44,6%	41 - 17,7%
PERGUNTA 4	0 - 0%	1 - 0,4%	7 - 3%	25 - 10,8%	198 - 85,7%
PERGUNTA 5	1 - 0,4%	5 - 2,2%	21 - 9,1%	51 - 22,1%	153 - 66,2%
PERGUNTA 6	1 - 0,4%	3 - 1,3%	12 - 5,2%	35 - 15,2%	180 - 77,9%
PERGUNTA 7	2 - 0,9%	5 - 2,2%	21 - 9,1%	49 - 21,2%	154 - 66,7%
PERGUNTA 8	1 - 0,4%	8 - 3,5%	10 - 4,3%	52 - 22,5%	160 - 69,3%
PERGUNTA 9	10 - 4,3%	22 - 9,5%	82 - 35,5%	51 - 22,1%	66 - 28,6%
PERGUNTA 10	27 - 11,7%	13 - 5,6%	13 - 5,6%	25 - 10,8%	153 - 66,2%
PERGUNTA 11	63 - 27,3%	21 - 9,1%	41 - 17,7%	32 - 13,9%	74 - 32%
PERGUNTA 12	35 - 15,2%	14 - 6,1%	49 - 21,2%	44 - 19%	89 - 38,5%
PERGUNTA 13	89 - 38,5%	14 - 6,1%	34 - 14,7%	34 - 14,7%	60 - 26%
PERGUNTA 14	60 - 26%	37 - 16%	69 - 29,9%	27 - 11,7%	38 - 16,5%
PERGUNTA 15	7 - 3%	6 - 2,6%	30 - 13%	84 - 36,4%	104 - 45%
PERGUNTA 16	4 - 1,3%	7 - 3%	28 - 12,1%	105 - 45,5%	87 - 37,7%
PERGUNTA 17	8 - 3,5%	15 - 6,5%	53 - 22,9%	76 - 32,9%	79 - 34,2%
PERGUNTA 18	5 - 2,2%	14 - 6,1%	34 - 14,7%	101 - 43,7%	77 - 33,3%
PERGUNTA 19	32 - 13,9%	42 - 18,2%	67 - 29%	53 - 22,9%	37 - 16%
PERGUNTA 20	25 - 10,8%	20 - 8,7%	64 - 27,7%	72 - 31,2%	50 - 21,6%
PERGUNTA 21	30 - 13%	26 - 11,3%	63 - 27,3%	70 - 30,3%	42 - 18,2%
PERGUNTA 22	7 - 3%	9 - 3,9%	28 - 12,1%	83 - 35,9%	104 - 45%
PERGUNTA 23	11 - 4,8%	9 - 3,9%	40 - 17,3%	77 - 33,3%	94 - 40,7%

Fonte: Dino; Cunha; Lagemann; Júnior; Júnior, 2019.

Cerca de 166 alunos, a grande maioria, afirmam que concordam totalmente (nível cinco do questionário) que a disciplina de saúde pública é fundamental para a formação médica, o que corrobora com Floss, Júnior e Teixeira (2014), que afirmam que a experiência de extensão popular são de suma importância para que os alunos possam refletir, criticar e construir em conjunto com a sociedade, melhores práticas de promoção à saúde o que influencia positivamente no que tange o desenvolvimento de uma saúde pública mais estruturada e resolutiva. Tendo em vista o supracitado, entende-se que o cenário estudantil está mudando, que a medicina deixa de ser vista somente com um olhar hospitalocêntrico e passa a ser analisada em toda sua complexidade no que tange a importância da saúde pública no cenário de aprendizado e atuação médica.

Ainda, diante do estudo de Bezerra *et al.*, (2015) vê-se que a correlação com os conceitos práticos e teóricos são fundamentais para fazer com que o acadêmico de medicina seja capaz de tomar iniciativas e solucionar os problemas que irão encontrar durante o exercer da profissão. Também, foi exposto que os alunos são favorecidos educacionalmente quando atuam correlacionando seu conteúdo clínico aprendido com o indivíduo e sua realidade local. Bezerra *et al.*, (2015) diz que o estudante ao terminar sua graduação médica deve conhecer e utilizar seu conteúdo clínico e científico centrado na pessoa, como ferramenta de suporte, mas que seja capaz de singularizar o processo. Nesse viés, a integração dos conteúdos teóricos e práticos simplifica o processo de aprendizado e influencia diretamente na melhor qualificação do profissional. Entretanto, os dados levantados pela pesquisa mostram que 29,9% discentes responderam com insegurança quanto a sua aplicabilidade teórica na prática da atenção básica, já que assinalaram a opção “talvez”. Outros 24,7% assinalaram a opção “provavelmente sim”, demonstrando também insegurança quanto a própria formação na APS.

Varela *et al.*, (2016) explícita que houve migração das disciplinas, deixando de serem exclusivamente abordadas no meio hospitalar, passando a possuírem maior foco na APS com vivência nas UBS, com a finalidade de estabelecer melhoria na promoção à saúde e prevenção de doenças. Considerando o que foi supracitado, 44,6%, estão aproveitando o cenário da atenção básica, já que julgam como suficiente o conhecimento adquirido na APS e optaram pela opção “bastante” no questionário. Em contrapartida, uma parcela pequena, 2,2% do total, julgam como insuficiente, o que levanta a hipótese de que a migração da aplicabilidade das disciplinas englobando a atenção básica está em constante amadurecimento e à mercê de mudanças a fim de melhorá-las.

É notório que o SUS preconiza que os acadêmicos tenham contato com estágios nas Unidades Básicas de Saúde para que tenham noção da prática médica na Estratégia da

Saúde da Família, desenvolvam autonomia e confiança para que haja segurança ao exercer a profissão. Outrossim, a vivência nas UBSs é fundamental para que o acadêmico aprenda sobre ética médica e construa uma relação médico-paciente bem estabelecida, por meio do vínculo (CAVALCANTE, 2013). A partir disso, o estágio nas Unidades Básicas de Saúde, acrescenta de forma positiva no amadurecimento dos discentes de medicina, já que começam a entender a esfera da saúde pública e seus desafios, desenvolvendo mecanismos que os auxiliarão a serem médicos qualificados e entendedores da rede pública de saúde. Dos alunos entrevistados, 85% concordaram plenamente com a importância da Unidade de Saúde funcionar como cenário de prática, não houve nenhum parecer que discordasse totalmente acerca da inserção da Unidade Básica de Saúde no cenário de prática.

Ademais, quando o assunto é ressaltar o que a Unidade Básica de Saúde contribui para o processo de aprendizagem dos alunos de medicina, Santos (2014) enaltece que a atuação neste meio é importante para ampliar a percepção acerca do contexto social do paciente, além de contribuir para que o acadêmico tenha um olhar integral e também fazer com que os médicos que possuem essa vivência sejam mais humanos e empáticos. O mesmo autor continua, dizendo que na UBS o estudante consegue privilegiar reflexões da Estratégia da Saúde da Família, entendendo a importância de conhecer a demanda de uma área específica, está apto a desenvolver habilidades para melhorar o vínculo com o usuário e também a aplicar o conceito de equipe multidisciplinar. Seguindo essa perspectiva, percebe-se que a Unidade Básica é um ambiente fértil para estimular os discentes a serem não só praticadores da ciência médica, mas que sejam capazes de serem profissionais que prezam pelo cuidado integral. Desse modo, a afirmação dos 77,9 % dos entrevistados fortalece a ideia do autor supracitado, já que os alunos quando indagados se o aprendizado adquirido na Unidade Básica de Saúde ajudaria na formação como futuro profissional, responderam que concordam totalmente. Em contrapartida, somente 0,4% discordaram totalmente.

A participação do estudante de medicina na atenção primária à saúde possui uma vertente levantada por Caldeira, Leite e Rodrigues-neto (2011), esta elucida que a presença do acadêmico no âmbito da saúde pública favorece um intercâmbio de saberes entre os profissionais de saúde. Também, quando o estudante chega nesse cenário de prática, em que sua dedicação aos estudos aumenta, favorecendo uma qualidade maior no atendimento o que fortalece a integração entre eles e os usuários, já que com a chegada dos acadêmicos os usuários retornam mais vezes as consultas (CALDEIRA; LEITE; RODRIGUES-NETO, 2011). Em relação ao serviço oferecido, este melhora a qualidade de oferta com a atuação do estudante, uma vez que os alunos pressionam os profissionais à prática reflexiva, ajudam a organizar o serviço prestado, melhorando a acessibilidade dos usuários a partir do momento que impulsionam a troca de horários e modificação das atividades (CALDEIRA; LEITE;

RODRIGUES-NETO, 2011). Nesse sentido, vê-se que os discentes inseridos na saúde pública favorecem a promoção à saúde, já que melhoram a qualidade do atendimento, questionam sobre acessibilidade do usuário e interagem com seus preceptores a fim de atender a demanda da comunidade.

A humanização médica tem como proposta formar profissionais de saúde que possam desenvolver um olhar amplo, profundo e complexo de seus pacientes e da comunidade que atende (MAKABE; MAIA, 2014). Dessa forma, é notório que a 66,7% dos alunos entrevistados, apontam ser de suma importância (concordam plenamente) que suas atuações nas unidades desencadeiam mudanças em termos de humanização da atenção à saúde. Assim, percebe-se que as atividades de inserção do aluno na comunidade se encontram em consonância com a proposta das novas DCN's, que enfatizam a integração dos acadêmicos na APS e demais serviços do SUS (SENA *et al.*, 2015). Além disso, sabe-se que o vínculo, bem como a humanização e a empatia são construídos conjuntamente entre as equipes e os seus usuários objetivando a produção de cuidado.

A respeito de conhecer os diferentes cenários de aprendizado as 3 esferas do SUS dão ao aluno maior entendimento sobre as políticas de saúde e o funcionamento das equipes multiprofissionais (SENA *et al.*, 2015). Dessa forma, é perceptível por meio dos resultados apontados na pesquisa, que 160 estudantes concordam plenamente quanto a importância das atividades de educação em saúde realizadas pelos acadêmicos dentro da unidade. Assim, corroboram com SENA *et al.*, (2015) que aponta que tais atividades propostas possibilitam a população o aprendizado em educação em saúde bem como ao próprio estudante o entendimento das políticas públicas existentes.

A partir disso, a percepção da realidade das pessoas, das suas condições de vida, cultura e costumes permitem ao estudante construir uma concepção do processo saúde-doença na qual compreendem os determinantes e as relações das doenças. Essa concepção possibilita uma mudança no cuidado à saúde dos usuários, a qual permite o cuidado voltado para as ações de vigilância em saúde, o que leva à integralidade no cuidado do paciente, aprimorando, assim, as ações de atenção à saúde (ALMEIDA *et al.*, 2012). Dessa forma, valorizar os saberes que a comunidade já possui é uma prática exercida pelos estudantes entrevistados em 28,6% na sua totalidade, em 22,1% provavelmente e em 35,5% tendo alguma possibilidade.

No processo de aprendizagem é necessário que ocorram trocas entre a teoria e a prática, orientando a apreensão de saberes e tendo os docentes como facilitadores dessa relação (NÓBREGA-TERRIEN, 2015). Percebe-se por meio da resposta dos estudantes, que 66,2% deles já realizou atendimento como acadêmico na unidade de saúde e/ou visitas domiciliares. Então, esses 153 estudantes expressam que é indubitável a correlação entre

teoria e prática. Além disso, segundo Silva (2012), as visitas domiciliares são atividades que proporcionam uma maior aproximação dos estudantes para com a realidade local onde os cidadãos daquela comunidade estão inseridos. Assim, possibilita uma melhor compreensão dos seus problemas, suas necessidades bem como seus modos de vida, o que permite conhecer melhor as dimensões sociais, econômicas e culturais que envolvem todo o processo de saúde-doença, favorecendo o olhar ampliado de saúde.

Sabe-se que o estudante junto aos serviços de saúde deve ter uma função ativa de reflexão da prática, visando a trocas de saberes, a fim de que possibilite a estruturação da significância, do prosseguimento da competência para o trabalho em equipe com o reconhecimento das próprias dificuldades e da elaboração de propostas para sua superação (CASTILHO *et al.*, 2014). Contudo, ao organizar um planejamento prévio da VD pelo estudante, percebe-se uma disparidade quanto as respostas desta questão, visto que 63 alunos responderam que não o fizeram, enquanto 74 responderam que sim, ou seja foi feito e descrito um planejamento prévio da VD pelo próprio estudante. É inegável então, que as visitas domiciliares favorecem o olhar ampliado sobre saúde, permitindo ao profissional a percepção de que saúde é mais do que a simples ausência de doença, indo além da dimensão biológica, da visão fragmentada do ser, bem como possibilita a criação do vínculo e a aproximação com as pessoas de um determinado território (SILVA, 2012).

Segundo Makabe e Maia (2014) e De Souza (2013), o estudante está em posição privilegiada na atenção primária a fim de dialogar com o paciente, aprender as atividades preventivas, compreender a realidade do processo saúde-doença em toda a sua complexidade, assim como a importância da relação médico-paciente, da longitudinalidade da atenção e doenças mais prevalentes da população. Assim sendo, a maioria dos estudantes entrevistados responderam que buscaram aprender sobre as situações vivenciadas após as VD. Portanto, é notório que esse aprendizado permite maior facilidade ao futuro profissional para atuar nos aspectos de prevenção e promoção de saúde (SENA *et al.*, 2015). Sendo assim, dentro desse contexto, as visitas domiciliares evidenciam um artifício para o desenvolvimento de competências necessárias à formação dos profissionais de saúde, visto que aproxima a prática profissional rotineira e salienta as necessidades de saúde individuais e coletivas (SILVA, 2012).

Mediante o levantamento 38,5% dos alunos não se comunicam ou possuem uma comunicação deficiente com a equipe da UBS acerca da situação encontrada nas visitas domiciliares, assim como não possuem autonomia de colocar o resumo da situação problema no prontuário do paciente. Nessa perspectiva, Marin *et al.*, (2014) relata que a correlação entre o ensino e a prática é prejudicada pelo insuficiente reconhecimento da atribuições do estudante, além da falta de assistência da gestão. Ainda por esse ângulo, o resultado

encontrado vai contra o que foi verificado por De Araújo Santos e De Miranda (2016) e Sena *et al.*, (2015), que relatam que a inserção dos alunos de medicina no âmbito da Saúde da Família proporciona uma troca de conhecimento e práticas dos alunos para com os profissionais e aqueles fornecem informações atualizadas sobre novas concepções, terapêuticas e metodologias do cuidado. Além de possibilitar o aprendizado sobre a formação e/ou no intuito de melhorar a relação médico-paciente, a interação com a equipe contribui no desenvolvimento das habilidades e formação pessoal.

Ao se analisar as respostas dos alunos que participaram do grupo focal acerca do interesse de seguir na Atenção Básica após a formatura, identificou-se que as opiniões gerais divergem, tendo como maior padrão a “alguma possibilidade”. Assim como o que foi verificado por Issa *et al.*, (2017) muitos alunos afirmam que aspiram trabalhar provisoriamente “até passar na prova de residência”, sendo tal área de trabalho, considerado por mais da metade como regular ou boa. Ainda em seu artigo Issa *et al.*, (2017), afirma que o principal influenciador é a remuneração em se trabalhar nas Unidades Básicas de Saúde versus carga horária de trabalho.

Acerca da não escolha em seguir na atenção básica após a formatura, muitos alunos afirmam que possuem percepções negativas de tal área, tais como: a falta de estímulo e inspiração devido à pouca participação de especialistas em medicina de família e comunidade na formação médica. Outra assertiva importante foi a de desvalorização do médico da atenção básica perante a sociedade, influenciando os acadêmicos a escolherem áreas de maior prestígio social e dentro da própria medicina. Além desta, um fator determinante é a visão pejorativa do próprio corpo docente levando o aluno a acreditar que tal escolha profissional está fadada a ser apenas um “médico de postinho”, desvalorizando tal área de atuação médica (ISSA *et al.*, 2017).

Em relação às competências e habilidades do conhecimento, da prática, da convivência e da comunicação, 45% dos alunos, avaliaram o ganho pessoal nas áreas da comunicação com o paciente e sua família como suficiente. Tal resultado é corroborado por Araújo Santos e de Miranda (2016), os quais relatam que uma Visita Domiciliar (VD) pode proporcionar maior vivência dos acadêmicos como médicos em processo de formação, ao se voltarem para a realidade daquela família, realizando uma troca de sabedoria e experiência mediante o vínculo criado, formando novas práticas profissionais fundamentadas no relacionamento interpessoal.

A habituação dos discentes com a prática permite um considerável avanço nas habilidades de comunicação, o que possibilita aos usuários do serviço de saúde maior interação com aqueles, além de favorecer em uma criação de vínculo e a reconhecer a importância da relação médico-paciente. Além disso a inserção do acadêmicos na Unidade

Básica de Saúde, permite que estes se familiarizem com a rotina do serviço de saúde, possibilitando o maior aprendizado ao realizar procedimentos, permitindo o desenvolvimento de suas habilidades médicas de modo mais humana e mais condizente com as necessidades da população assistida (VASCONCELOS, RUIZ, 2015). Outrossim, Cavalcante *et al.*, (2013) aborda que o ganho através do aprendizado por meio da comunicação ocorre durante o primeiro contato com o paciente, ao lidar com as problemáticas expostas.

Mediante a avaliação da relação interpessoal com a equipe, com os pacientes e com os outros acadêmicos, foi observado que a grande maioria relata ter evoluído formação do contato. Segundo Almeida *et al.*, (2012), o elo formado dos alunos com a comunidade por intermédio da atenção básica evidencia o papel social que estes possuem no auxílio da promoção à saúde, além de colaborar no próprio ensino dos alunos.

Nesse contexto Dhital *et al.*, (2015), relata em seu artigo que quase todos os alunos entrevistados referem que as experiências e observações reflexivas influenciam no pessoal, assim os estudantes estão aptos a desenvolver ou refinar seus conceitos em vários aspectos.

Cavalcante *et al.*, (2013), aborda em seu texto que o aperfeiçoamento do vínculo, ou seu não desenvolvimento, é dependente das características do próprio aluno e de seu preceptor. Desse modo, para que ocorra o tal aperfeiçoamento com usuários e dos profissionais na atenção básica, os alunos necessitam ser comunicativos e saber trabalhar em equipe.

Mais de 50% dos alunos referem que estar inserido na Atenção Primária corrobora no desenvolvimento da autonomia, como o observado por Marin *et al.*, (2014) que aborda que o aluno adquire autonomia ao vivenciar o trabalho em equipe e relação entre os trabalhadores da saúde. Nesse sentido Dhital *et al.*, (2015), relata que muitos estudantes afirmam que a experiência prática do conhecimento adquirido em sala de aula na atenção básica auxilia no desenvolvimento de habilidades ao permitir que estes façam aquilo que foi ensinado, além do aperfeiçoamento de suas qualidades. E ainda, constata que muitos referem que as atividades feitas na zona rural ajudaram a melhorar as habilidades de adaptação. E ainda, segundo Cavalcante *et al.*, (2013) a autonomia proporciona maior segurança ao exercício profissional futuro.

No quesito aprendizagem permanente os alunos consideraram mais do que suficiente a oferecida na atenção básica. Nessa perspectiva Almeida *et al.*, (2012), discorre que o conhecimento científico construído pelos discentes e os profissionais de saúde favorecem uma maior educação em saúde para a população, atingindo a vida cotidiana das pessoas possibilitando a formação de novos hábitos e condutas em saúde.

Em relação a habilidade de diagnóstico laboratorial, as opiniões dos estudantes divergem, 13,9% acreditam que essa habilidade foi insuficiente, 29% regular e 16% suficiente.

Já a habilidade de diagnóstico clínico foi mais satisfatória, 31,2% dos estudantes responderam bastante e 21,6% suficiente. Neste ponto esta pesquisa sugere o que muitos estudiosos acreditam, que o diagnóstico clínico é soberano aos exames complementares (KIRA et al., 1996). Os autores são unânimes em considerar o raciocínio clínico como um processo, que começa com uma hipótese inicial a partir de informações automáticas, podendo o processo analítico ser implantado para refinar essas hipóteses (MCLAUGHLIN *et al.*, 2008). Uma vez que os estudantes entram em contato com esses exames complementares aliados a médicos com valorização excessiva desses métodos, é essencial que uma discussão seja levantada, para que sejam ensinados que a história clínica e o exame físico são os artifícios mais poderosos que o médico possui para o diagnóstico e tratamento (KIRA *et al.*, 1996).

No que se refere à habilidade de propor um tratamento terapêutico singular a maioria dos alunos respondeu que “possui alguma probabilidade” de terem tido acesso a esse aprendizado. As equipes de saúde das UBSs que os alunos frequentam são aptas a coordenar um projeto terapêutico dos pacientes, pois, essa rede é a porta de entrada do SUS, onde se tem como princípio a prevenção e promoção à saúde da população. Logo, este ensinamento é de grande valia aos estudantes, já que são formados para atuarem com o SUS (BRASIL, 2012).

A prática médica atual assente que para a melhoria do panorama da saúde pública se faz necessária educação em saúde para a população, a partir de campanhas e medidas educativas e sanitárias, como a eliminação de mosquitos, oferta de água potável, disseminação de hábitos higiênicos e alimentares, entre outros (RODRÍGUEZ *et al.*, 2007). Em 1999 Gastão Wagner já dizia que “a principal qualidade dos médicos deveria ser sua capacidade de resolver problemas de saúde...que envolveriam aspectos biológicos, subjetivos e sociais”, por isso, as escolas médicas devem incorporar temas referentes à saúde pública em busca do bem-estar pleno do cidadão, já que a saúde não é apenas a ausência de enfermidades. A maior parte dessas escolas ainda possuem visão tecnicista, menosprezam a promoção e prevenção de agravos, dando maior importância ao ensino do tratamento de uma oclusão de artérias coronárias, ao invés de de medidas educativas para evitar a aterosclerose (RODRÍGUEZ *et al.*, 2007). Porém, 45% dos estudantes responderam a habilidade de promover a prevenção à saúde foi suficiente dentro de suas instituições, mostrando que o panorama de ensino médico vem mudando e se incorporando cada vez mais aspectos de saúde pública.

A atribuição da educação em relação ao desempenho médico vai além da prevenção de agravos e será analisada considerando os parâmetros assistenciais, psicológicos, éticos e de ensino-pesquisa (RODRÍGUEZ *et al.*, 2007), sabendo assistir um paciente com um olhar para seu problema e seu entorno e não só tratar a doença (BRASIL, 2012). Esses conceitos

se unem em ser biopsicossocial, e a maioria dos alunos das instituições brasileiras que responderam aos quesitos 23 e 24 conseguiram adquirir a habilidade de enxergar o paciente integralmente, além de saberem avaliar seus problemas não somente no âmbito de higidez.

CONCLUSÃO

No meio acadêmico a reflexão acerca da atenção básica é crescente, a maioria dos alunos considera importante a atuação na atenção primária como fonte de conhecimento e aprimoramento profissional, porém, essa mesma maioria não deseja seguir carreira nesse meio. Motivos levantados para a não especialização como médicos da saúde da família seriam: falta de incentivo, desvalorização do médico por parte da sociedade e também visão pejorativa do próprio corpo docente. Vê-se também que há insegurança por parte de muitos, no que diz respeito à correlação prática com a teoria, evidenciando que medidas docentes precisam ser tomadas.

O conteúdo acadêmico abordado na atenção básica é visto como suficiente para grande parte dos entrevistados e não houve nenhum voto discordando da importância da unidade básica de saúde funcionar como cenário de prática, o que mostra que os alunos estão revendo o olhar exclusivamente hospitalocêntrico. Outrossim, os discentes reconhecem a importância da inclusão de acadêmicos na rede para melhorar a aplicabilidade da prevenção em saúde e atendimento humanizado, isso decorrente do conhecimento dos determinantes sociais de saúde. As visitas domiciliares, para a maioria, somam positivamente para o crescimento do aprendizado, principalmente no âmbito da promoção e prevenção de doenças.

Ademais, existe uma fragilidade na comunicação entre os discentes e a equipe de profissionais das unidades básicas, o que vulnerabiliza a construção do aprendizado. Sobre o processo de lapidação da comunicação, autonomia e relação médico-paciente, a atenção primária para a maioria dos alunos possui importante contribuição para o aprimoramento profissional. Houve também divergência entre os entrevistados quando questionados sobre o conhecimento por meio do diagnóstico laboratorial, onde uma minoria, apenas, julgou suficiente. Entretanto, a grande maioria diz que possui habilidade para traçar plano terapêutico e intervir na saúde pública por meio de medidas preventivas a partir do conhecimento adquirido na atenção básica. Por fim, a maioria evidenciou que a partir do estudo na atenção básica soube olhar para o paciente além de suas doenças, aprendeu a analisar o usuário como um todo e não só suas patologias.

Logo, percebe-se que a medicina baseada na atenção básica de saúde vem contribuindo para uma melhora no cenário da saúde populacional, uma vez que contribui para o aprendizado acadêmico e traz melhoria no atendimento dos usuários, pois a prevenção e promoção à saúde é o enfoque em questão. Todavia, se vê que ainda existem desafios a serem batidos, dentre estas melhorias na abordagem do conhecimento entre os discentes,

melhoria na relação entre os profissionais e alunos, além da integralização entre conceitos teóricos e práticos, o que mostra que a solidificação da saúde básica no meio acadêmico e profissional é uma construção a longo prazo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisca Claudia Monteiro; MACIEL, A. P. P.; BASTOS, A. R.; BARROS, F. C.; IBIAPINA, J. R.; SOUZA, S. M. F. D.; ARAÚJO, D. P. D. Avaliação da inserção do estudante na unidade básica de saúde: visão do usuário. **Rev. bras. educ. méd**, v. 36, n. 1, supl. 1, p. 33-39, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Saúde mais perto de você: acesso e qualidade da atenção básica (PMAQ-AB)*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012a.

BEZERRA, Daniela Fontes; ADAMI, F.; REATO, L. D. F. N.; AKERMAN, M. “A dor e a delícia” do internato de atenção primária em saúde: desafios e tensões. **ABCS Health Sciences**, v. 40, n. 3, 2015.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Educação médica, hospitais universitários e o Sistema Único de Saúde. 1999.

CALDEIRA, Érika Soares; LEITE, Maisa Tavares de Souza; RODRIGUES-NETO, João Felício. Estudantes de Medicina nos serviços de atenção primária: percepção dos profissionais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2011.

CASTILHO CARÁCIO, F. C.; de OLIVEIRA CONTERNO, L.; de CAMPOS OLIVEIRA, M. A.; HEIRAS DE OLIVEIRA, A. C.; SANCHES MARIN, M. J.; DORETTO BRACCIALLI, L. A. A experiência de uma instituição pública na formação do profissional de saúde para atuação em atenção primária. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 7, 2014.

DE SOUZA, Clarissa França Tavares; OLIVEIRA, D. L. L.; da SILVA Monteiro, G.; de MELO Barboza, H. M.; RICARDO, G. P.; de LACERDA Neto, M. C.; MOURAI, A. C. A atenção primária na formação médica: a experiência de uma turma de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 3, p. 448-454, 2013.

CAVALCANTE, João Klínio. **Desenvolvimento discente no estágio em estratégia saúde da família**. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Maceió. 2013.

DAS NEVES, Andressa Soares de Camargo. **Avaliando o portfólio do estudante na Atenção Primária à Saúde: uma contribuição no processo de ensino-aprendizagem para os Cursos de Medicina e de Enfermagem**. Dissertação. 2013.

DE ARAÚJO SANTOS, Raionara Cristina; DE MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes. Articulação ensino-serviço na perspectiva dos profissionais de saúde da família. **Revista de APS**, v. 19, n. 1, 2016.

DHITAL, Rolina; SUBEDI, M.; PRASAI, N.; SHRESTHA, K.; MALLA, M.; UPADHYAY, S. Learning from Primary Health Care Centers in Nepal: reflective writings on experiential learning of third year Nepalese medical students. **BMC research notes**, v. 8, n. 1, p. 741, 2015.

DIAS, C. M. G. C. et al. O PET-Saúde como ferramenta estratégica de implantação de um curso de medicina em uma universidade pública: relato de uma experiência. **Rev. bras. educ. méd**, v. 36, n. 1 supl 2, p. 76-79, 2012.

FLOSS, Mayara; DE MIRANDA JÚNIOR, Arnildo Dutra; TEIXEIRA, Tarso Pereira. Liga de

Educação em Saúde: reflexões a partir das vivências dos estudantes de medicina da universidade federal de Rio Grande. **Revista de APS**, v. 17, n. 1, 2014.

ISSA, Afonso Henrique Teixeira Magalhaes et al. Fatores influenciadores na escolha pela medicina de família segundo estudantes numa região neotropical do Brasil. **Revista Educação em Saúde**, v. 5, n. 2, p. 56-65, 2017.

KIRA, Célia Maria; DE ARRUDA MARTINS, Milton. O ensino e o aprendizado das habilidades clínicas e competências médicas. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, v. 29, n. 4, p. 407-413, 1996.

NÓBREGA-TERRIENI, Sílvia Maria; SOUZA, P. M. M.; da COSTA Pinheiro, F. M.; de CASTRO, V. S. Formação para a Estratégia Saúde da Família na Graduação em Medicina The Family Health Strategy in Undergraduate Medical Training. **Revista brasileira de educação médica**, v. 39, n. 1, p. 112-118, 2015.

MARIA DAS GRAÇAS, S.; CENTURIÓN, Diosnel. Validação de questionário para captar a percepção de saberes técnico-científicos na área da saúde. **Salus**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2015.

MARIN, Maria José Sanches et al. A integração ensino-serviço na formação de enfermeiros e médicos: a experiência da FAMEMA. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 967-974, 2014.

MAKABE, Maria Luisa Faria; MAIA, José Antonio. Reflexão discente sobre a futura prática médica através da integração com a equipe de saúde da família na graduação. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2014.

MCLAUGHLIN K, HEEMSKERK L, HERMAN R, AINSLIE M, RIKERS RM, SCHMIDT HG. Initial diagnostic hypotheses bias analytic information processing in non-visual domains. *Med Educ*;42:496-502. 2008.

RODRÍGUEZ, Carlos Arteaga; KOLLING, Marcelo Garcia; MESQUIDA, Peri. Educação e saúde: um binômio que merece ser resgatado. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, n. 1, p. 60-66, 2007.

SENA, Iuri Silva; GUERREIRO, L. C; RIBEIRO, A. C.; da SILVA Morais, L. D. S.; NAZINA, M. T. S. T.; dos SANTOS, B. É. F. Percepções de estudantes de medicina sobre a experiência de aprendizado na comunidade dentro do programa mais médicos: análise de um grupo focal. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 4, p. 81-95, 2015.

SANTOS, Neuma Marinho de Queiroz. **A terapia comunitária e a vivência de estudantes de medicina: uma estratégia de ensino aprendizagem do cuidado humanizado na ESF?**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Francisco Augusto Gondim. **A visita domiciliar como estratégia pedagógica e seus sentidos para estudantes dos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia em um Centro Universitário do Estado do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. 2012.

VARELA, D. S. S. et al. Diretrizes Curriculares Nacionais e a Formação de Profissionais para o SUS. **Revista Brasileira de Educação e Saúde [Internet]**, v. 6, n. 3, p. 39-43, 2016.

VASCONCELOS, Rafaela Noronha de Carvalho; RUIZ, Erasmo Miessa. Formação de Médicos para o SUS: a Integração Ensino e Saúde da Família–Revisão Integrativa. **Rev. bras. educ. méd**, v. 39, n. 4, p. 630-638, 2015.